

DOM QUIXOTE, DE WALCYR CARRASCO: ADAPTAÇÃO PARA NOVOS LEITORES

WALCYR CARRASCO'S *DON QUIXOTE*: AN ADAPTATION FOR NEW READERS

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.069-012>

Wanderson de Freitas dos Santos

Doutorando em Letras/Literatura – UFSC

E-mail: freitawanderson@outlook.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2553937644895741>

Sheyla Priscilla de Oliveira Barreiros

Mestranda em Letras – UNIFESSPA

E-mail: sheyla.oliveira87@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5862158512489060>

Lindomilson Rabelo Silva

Especialista em Gestão e Supervisão Escolar

E-mail: milsonrabelo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6798268340153262>

Gizele dos Santos Gonçalves

Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa – FACIBRA

E-mail: santosgizele91@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6151701529873063>

Erica Silva de Sousa

Especialista em Língua Portuguesa, Literatura e Arte – FAVENI

E-mail: ericasillva62@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9746086383693709>

Andressa Maciel da Silva Lucena

Especialista em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) – IFMA

E-mail: andressa-66@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3917313743205413>

Valdesilvia Silva do Amaral

Especialista em Gestão, Supervisão e Orientação Escolar - UCEESP

E-mail: valdesilvia39@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9015157269570678>

Mikalene de Sousa Oliveira

Graduada em Letras/Literatura – Uemasul

E-mail: mikalenemdsol8@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5070724279818589>

Cianilde Pereira da Silva

Graduada em Letras/Literatura – Uemasul

E-mail: cianilde@yahoo.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7215870159576058>

Resumo

O artigo analisa as estratégias de reescrita empregadas por Walcyr Carrasco em sua adaptação de *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, destinada ao público infantojuvenil, buscando compreender de que modo elementos narrativos e linguísticos da obra são reconfigurados para leitores em formação. De natureza bibliográfica e analítico-comparativa, a pesquisa fundamenta-se nos estudos de Hutcheon, Lajolo e Zilberman e Cosson, em diálogo com as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A análise concentra-se em episódios representativos da construção de Dom Quixote, considerando procedimentos de condensação narrativa, seleção de acontecimentos, reformulação linguística e reorganização das informações. Os resultados indicam que Carrasco preserva personagens, conflitos e situações fundamentais para o reconhecimento do universo cervantino, ao mesmo tempo que reduz expansões narrativas, aproxima acontecimentos e emprega construções sintáticas mais breves e diretas, modificando o ritmo e a organização do relato. Conclui-se que a adaptação constitui uma nova realização textual, marcada simultaneamente pela permanência e pela transformação, e pode funcionar como forma de mediação entre a tradição literária e leitores em processo de formação, sem substituir a experiência de leitura do texto-fonte.

Palavras-chave: Adaptação literária; *Dom Quixote*; Formação do leitor; Literatura infantojuvenil.

Abstract

This article examines the rewriting strategies employed by Walcyr Carrasco in his adaptation of Miguel de Cervantes's *Don Quixote de la Mancha* for children and young adult readers, with the aim of understanding how the narrative and linguistic features of the source text are reconfigured for developing readers. Drawing on bibliographical research and a comparative analytical approach, the study is grounded in the works of Hutcheon, Lajolo and Zilberman, and Cosson, while also engaging with the guidelines of Brazil's National Common Curricular Base (BNCC). The analysis focuses on representative episodes in the characterization of Don Quixote and considers such procedures as narrative condensation, the selection of events, linguistic reformulation, and the reorganization of information. The findings show that Carrasco preserves characters, conflicts, and situations that are essential to the recognition of the Cervantine universe, while reducing narrative expansions, bringing events into closer sequence, and employing shorter, more direct syntactic structures. These strategies alter both the pace and the organization of the narrative. The study concludes

that the adaptation constitutes a distinct textual work shaped by both continuity and transformation and may serve as a form of mediation between literary tradition and developing readers, without replacing the experience of reading the source text.

Keywords: Children's and young adult literature; *Don Quixote*; Literary adaptation; Literary reader development.

1 INTRODUÇÃO

Poucas obras literárias alcançaram a permanência cultural de *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes. Publicado originalmente no início do século XVII, o romance atravessou diferentes épocas, culturas e formas de circulação, permanecendo como uma das referências da tradição literária ocidental. Sua construção narrativa, marcada pela tensão entre realidade e imaginação, pelo humor, pela ironia e pela problematização dos romances de cavalaria, possibilitou sucessivas leituras, traduções, reedições e adaptações destinadas a diferentes públicos.

A circulação de obras canônicas entre leitores em processo de formação, entretanto, envolve desafios relacionados à extensão dos textos, à complexidade de determinadas estruturas narrativas e ao distanciamento linguístico e histórico existente entre o contexto de produção da obra e o horizonte de leitura contemporâneo. Nesse cenário, as adaptações destinadas ao público infantojuvenil constituem uma das formas de mediação entre o patrimônio literário e novos leitores. A adaptação, contudo, não se reduz a uma reprodução simplificada do texto anterior; envolve escolhas, reorganizações e transformações decorrentes das condições de produção e recepção da nova obra. Na perspectiva de Hutcheon (2013), adaptar pressupõe simultaneamente retomada e transformação, uma vez que o texto adaptado estabelece uma relação reconhecível com a obra anterior sem deixar de se constituir como uma nova realização.

Essa perspectiva torna necessário o exame das estratégias empregadas na adaptação de obras cuja extensão e complexidade podem constituir obstáculos para leitores mais jovens. Nesse processo, procedimentos como seleção de episódios, condensação narrativa, reformulação lexical e sintática e reorganização de determinados elementos do texto-fonte devem ser analisados em função do novo projeto de leitura construído pela adaptação, e não simplesmente como perdas em relação à obra anterior. Tal compreensão permite deslocar a discussão da simples oposição entre fidelidade e infidelidade para a investigação das operações por meio das quais a obra é reconfigurada para outro público e outro contexto de circulação.

É nesse âmbito que se situa a adaptação de *Dom Quixote* realizada por Walcyr Carrasco e publicada pela Richmond Educação. Voltada ao público infantojuvenil, a obra reconta episódios da narrativa

cervantina por meio de uma linguagem mais acessível e de uma estrutura narrativa condensada, além de apresentar recursos complementares vinculados ao contexto educacional. A escolha desse corpus decorre, portanto, da possibilidade de observar como uma obra pertencente à tradição literária é reelaborada para leitores em formação, considerando-se tanto aquilo que é preservado quanto as transformações realizadas no processo adaptativo.

Diante disso, o presente artigo parte da seguinte questão: de que modo as estratégias de reescrita empregadas por Walcyr Carrasco reconfiguram elementos narrativos e linguísticos de *Dom Quixote* para o público infantojuvenil? A partir dessa problemática, objetiva-se analisar as estratégias empregadas por Walcyr Carrasco na reescrita do texto de Cervantes, observando de que maneira procedimentos de condensação narrativa, simplificação linguística e seleção de episódios transformam elementos da narrativa cervantina e funcionam como formas de mediação entre o texto clássico e leitores em formação.

Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica e analítico-comparativa. A discussão teórica fundamenta-se nos estudos sobre adaptação, literatura infantojuvenil e formação do leitor, especialmente em Hutcheon (2013), Lajolo e Zilberman (2007) e Cosson (2009), em diálogo com as orientações da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). No plano analítico, são examinadas estratégias de reescrita presentes na adaptação de Carrasco, considerando-se sua relação com a narrativa cervantina, com atenção para processos de condensação, reformulação linguística, seleção de episódios e preservação ou reelaboração de núcleos temáticos. Desse modo, busca-se compreender as alterações realizadas pelo adaptador e os efeitos dessas escolhas na configuração de uma obra destinada ao público infantojuvenil.

A discussão proposta pretende, assim, contribuir para a reflexão sobre o lugar das adaptações literárias na circulação de obras canônicas entre novos públicos. Em vez de concebê-las como versões reduzidas ou substitutas do texto-fonte, propõe-se compreendê-las como práticas de reescrita que estabelecem novas condições de acesso à tradição literária. No caso da adaptação de Carrasco, interessa particularmente examinar como a transformação da linguagem e da estrutura narrativa pode aproximar o leitor em formação do universo de *Dom Quixote*, sem pressupor que a adaptação substitua a leitura da obra cervantina.

2 ADAPTAÇÃO LITERÁRIA E FORMAÇÃO DO LEITOR

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a leitura literária constitui uma dimensão importante na formação dos estudantes, uma vez que o contato com obras de diferentes gêneros, estilos e épocas favorece a ampliação do repertório cultural e das possibilidades de interpretação da realidade. Nesse processo, a escola se torna espaço de mediação, ao possibilitar o acesso dos estudantes tanto aos clássicos

da tradição literária quanto às produções contemporâneas, de modo que a leitura seja compreendida não apenas como atividade escolar, mas também como experiência estética, reflexiva e formativa (Brasil, 2018).

Como salienta Cosson (2009, p. 16), “a prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana”. Nesse sentido, a leitura literária ultrapassa a decodificação de signos linguísticos, pois envolve a participação do leitor na construção de sentidos e no estabelecimento de relações entre o texto, as experiências do leitor e outras formas de compreender o mundo. A literatura constitui, assim, um espaço privilegiado de interação com a linguagem em suas dimensões estética, simbólica e cultural.

No campo da literatura destinada à infância e à juventude, essa compreensão implica reconhecer a especificidade estética das obras e evitar sua redução a uma função exclusivamente pedagógica. Lajolo e Zilberman (2007, p. 45) ressaltam que “a literatura infantil no Brasil passou por uma série de transformações, deixando de ser apenas uma ferramenta pedagógica para se tornar um meio de expressão e fruição estética, fundamental para a formação de leitores”.

A relação entre literatura e formação do leitor adquire contornos específicos quando se considera o acesso de crianças e adolescentes a obras produzidas em contextos históricos e culturais distantes de sua experiência imediata. Muitos textos pertencentes à tradição literária apresentam características relacionadas à extensão, à linguagem, à organização narrativa e ao contexto de produção que podem representar desafios para leitores em processo de formação. Reconhecer tais dificuldades exige, antes, considerar as diferentes formas de mediação que podem favorecer sua aproximação com esse patrimônio literário, e não pressupor a incapacidade do jovem leitor diante dos clássicos.

É nesse contexto que as adaptações de clássicos assumem lugar significativo na literatura destinada ao público infantojuvenil. Ao discutirem a constituição histórica da literatura infantil brasileira, Lajolo e Zilberman (2007, p. 80) destacam que esse procedimento se caracteriza “pela repetição de um artifício que sempre deu certo: a adaptação de clássicos, preferentemente europeus, fossem eles, na origem, destinados ou não ao público infantil”. A presença recorrente de obras adaptadas indica que a circulação dos clássicos entre novos públicos frequentemente passa por processos de reescrita, que envolvem escolhas sobre o que será preservado, condensado, reorganizado ou reformulado na nova versão. Hutcheon (2013) concebe a adaptação como um processo de retomada e transformação do texto-fonte, resultante de escolhas narrativas, estilísticas e contextuais associadas às novas condições de produção e recepção da obra.

Essa compreensão desloca o foco de uma avaliação pautada exclusivamente na fidelidade ao texto-fonte para a análise das operações mobilizadas na constituição da obra adaptada. Assim, procedimentos como a seleção de episódios, a condensação de acontecimentos, a reorganização da estrutura narrativa e a

reformulação da linguagem podem ser examinados como escolhas que participam da construção de uma nova configuração textual destinada a outro público.

Nas adaptações destinadas a leitores infantojuvenis, essas escolhas tornam-se significativas. A redução da extensão, a reorganização de passagens, a utilização de construções linguísticas mais acessíveis e a seleção de episódios considerados representativos podem atuar como estratégias de mediação entre o leitor em formação e obras pertencentes a outros períodos históricos. Isso não implica que toda modificação resulte necessariamente em uma adaptação satisfatória, e sim que a adaptação estabelece uma nova forma de acesso à narrativa, construída segundo determinadas escolhas de reescrita.

Dessa forma, as adaptações podem funcionar como pontes entre diferentes temporalidades, contextos e públicos, favorecendo a circulação de personagens, conflitos e temas pertencentes à tradição literária entre novas gerações de leitores. Seu papel na formação literária ultrapassa a simplificação linguística do texto, estendendo-se à reorganização da experiência narrativa de modo a estabelecer possibilidades de aproximação entre o leitor contemporâneo e uma obra produzida em contexto distinto.

Compreender a adaptação segundo essa concepção é particularmente importante para a análise de *Dom Quixote*, obra cuja extensão, construção narrativa e distância histórica impõem ao adaptador uma série de decisões relacionadas à seleção, à condensação e à reformulação do texto. A versão elaborada por Walcyrr Carrasco insere-se nesse processo de reescrita para leitores em formação e permite observar de que maneira elementos da narrativa cervantina são preservados, reorganizados ou transformados na constituição de uma obra destinada ao público infantojuvenil. É a partir dessas operações que se torna possível examinar a adaptação não como simplificação, mas como um processo de mediação e reconfiguração literária.

3 DOM QUIXOTE E SUA REESCRITA PARA O PÚBLICO INFANTOJUVENIL

Publicada em duas partes, em 1605 e 1615, *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, ocupa posição fundamental na constituição do romance moderno. Ao discutir a produção cervantina, Riley (1966, p. 9) observa que Cervantes "contribuyó a crear la novela europea moderna", destacando o caráter inovador de uma obra que incorpora e parodia formas narrativas anteriores, sobretudo os livros de cavalaria, ao mesmo tempo em que problematiza os próprios mecanismos da ficção. Essa dimensão autorreflexiva participa da complexidade do romance, no qual literatura, experiência e percepção da realidade se encontram continuamente articuladas.

No capítulo inicial, Cervantes apresenta um fidalgo cuja dedicação aos livros de cavalaria adquire proporções cada vez maiores, levando-o a abandonar ocupações cotidianas e até a comprometer parte de seus bens para continuar adquirindo essas obras. O narrador informa que o personagem "se dava a ler livros de cavalaria, com tanta afeição e gosto, que se esqueceu quase de todo do exercício da caça, e até da administração dos seus bens" (Cervantes, 2005, p. 26). A leitura deixa, portanto, de constituir apenas uma

prática cotidiana e passa progressivamente a orientar a maneira como o protagonista interpreta sua existência e projeta suas ações.

Essa relação que Riley identifica como princípio fundamental do romance ao afirmar que “La interacción de la literatura y la vida es fundamental en el Quijote” (Riley, 1966, p. 66). A leitura dos romances de cavalaria fornece ao protagonista modelos por meio dos quais ele procura reorganizar a própria experiência, apropriando-se de seus códigos, personagens, valores e situações. Dessa forma, a ficção lida por Alonso Quijano passa a interferir diretamente em sua percepção do mundo, desencadeando sua transformação em Dom Quixote e orientando as aventuras que se seguem.

Essa configuração ajuda a compreender a tensão entre realidade e imaginação que atravessa a narrativa cervantina. Para Riley (1966, p. 67), “el héroe es, ante todo, un hombre que no sabe distinguir entre la vida y la ficción literaria”. Tal indistinção manifesta-se sempre que Dom Quixote interpreta situações cotidianas segundo os modelos cavaleirescos assimilados por meio da leitura. Objetos, pessoas e acontecimentos são incorporados a um sistema imaginário no qual vendas podem transformar-se em castelos, camponesas podem ser concebidas como damas e moinhos de vento assumem, aos olhos do cavaleiro, a aparência de gigantes.

Auerbach também identifica nesse processo uma das particularidades da construção da personagem. Ao analisar a relação entre a percepção quixotesca e o mundo cotidiano, o crítico afirma que “a loucura do fidalgo o transfere para uma outra esfera vital, para uma esfera imaginária” (Auerbach, 1971, p. 306). A coexistência entre essa esfera imaginária e o mundo concreto, e não sua substituição, produz parte importante da comicidade do romance. A realidade permanece reconhecível para as demais personagens e para o leitor, enquanto Dom Quixote a interpreta segundo uma lógica construída a partir dos livros de cavalaria.

O episódio dos moinhos de vento constitui uma das manifestações mais representativas desse mecanismo. Enquanto Sancho Pança reconhece os objetos diante deles como moinhos, Dom Quixote os percebe como gigantes e decide combatê-los. Mesmo após a advertência do escudeiro de que aquilo não são gigantes, são moinhos de vento, o cavaleiro mantém sua interpretação e avança contra eles (Cervantes, 2005). O episódio coloca em confronto duas formas de apreensão do mesmo objeto e evidencia como a experiência de Dom Quixote é constantemente reorganizada pelo imaginário cavaleiresco.

Essa tensão não deve, contudo, conduzir a uma interpretação exclusivamente heroica da personagem. Auerbach chama atenção para a ambivalência constitutiva de Dom Quixote ao observar que “o nobre, o puro e o redentor estão ligados com o absolutamente insensato” (Auerbach, 1971, p. 307). O idealismo do protagonista pode assumir dimensões de generosidade, coragem e desprendimento, mas permanece associado a uma concepção de mundo incompatível com as circunstâncias concretas que o

cercam. Daí decorre uma parcela fundamental da comicidade cervantina: as intenções elevadas do cavaleiro frequentemente resultam em situações absurdas quando confrontadas com a realidade cotidiana.

Essa comicidade convive com uma dignidade que Auerbach reconhece na personagem fora dos momentos em que sua ideia fixa cavaleiresca se impõe: nesses instantes, Dom Quixote revela inteligência, bom senso e lucidez, o que confere maior complexidade à relação entre loucura e razão ao longo da narrativa. Ao caracterizar a configuração geral do romance, o crítico sintetiza essa dimensão lúdica afirmando que “o livro todo é um jogo” (Auerbach, 1971, p. 310). O confronto entre a imaginação do cavaleiro e a realidade mantém-se predominantemente no campo do cômico, sem eliminar, contudo, a dignidade e a espessura humana da personagem.

A complexidade do romance também decorre da variedade de perspectivas por meio das quais os acontecimentos são construídos. Riley (1966, p. 72) afirma, nesse sentido, que “El Quijote es una novela de múltiples perspectivas”. O romance não se organiza a partir de uma única consciência capaz de estabilizar definitivamente a verdade do relato, mas mobiliza diferentes pontos de vista, personagens, narradores e instâncias autorais. As divergências entre aquilo que Dom Quixote percebe, aquilo que Sancho compreende e aquilo que o narrador apresenta constituem apenas uma das manifestações desse procedimento, que amplia a dimensão autorreflexiva da obra.

É diante dessa complexidade que se coloca o problema de sua reescrita para leitores em formação. Adaptar *Dom Quixote* ultrapassa a redução de extensão ou a substituição de determinadas formas linguísticas por construções consideradas mais acessíveis: envolve selecionar episódios, reorganizar sequências, condensar acontecimentos e decidir quais aspectos da construção cervantina ocuparão posição de maior destaque na nova narrativa. Como discutido anteriormente a partir de Hutcheon (2013), essas operações fazem parte do próprio processo adaptativo e devem ser examinadas como escolhas de reconfiguração do texto para novas condições de produção, circulação e recepção.

A adaptação realizada por Walcyr Carrasco evidencia esse processo desde o primeiro capítulo, intitulado “O fidalgo sonhador”. A versão concentra a apresentação do protagonista em elementos diretamente relacionados à posterior constituição de sua identidade cavaleiresca: sua condição de fidalgo, o apego às antigas tradições, o fascínio pelos cavaleiros andantes, a dedicação crescente à leitura e a decisão de converter em realidade o universo encontrado nos livros. Também são mantidos acontecimentos fundamentais, como a recuperação da antiga armadura, a escolha do nome Rocinante, a adoção do nome Dom Quixote de la Mancha e a transformação de Aldonça Lourenço em Dulcineia del Toboso.

Além da reescrita da narrativa, a edição consultada apresenta elementos destinados à contextualização da obra e de sua circulação cultural. Antes do início da narrativa propriamente dita, encontram-se informações sobre Cervantes, *Dom Quixote* e uma linha do tempo e um painel de imagens que reúne diferentes representações e apropriações do universo quixotesco. Esses recursos sugerem que a

mediação proposta pela edição não ocorre somente no plano verbal, mas também por meio de elementos editoriais que oferecem ao leitor referências históricas e culturais relacionadas ao texto de Cervantes.

Diante da extensão da obra cervantina e da diversidade de procedimentos presentes na adaptação, a análise desenvolvida neste estudo concentra-se em episódios considerados representativos do processo de reescrita realizado por Carrasco, a saber: a apresentação inicial do protagonista e sua relação com os livros de cavalaria, a decisão de tornar-se cavaleiro andante, a nomeação de Rocinante e o episódio dos moinhos de vento, sem a pretensão de realizar um levantamento exaustivo das diferenças entre a narrativa cervantina e a versão adaptada. A escolha desses momentos decorre de sua relevância para a construção da personagem e de sua capacidade de evidenciar procedimentos como condensação narrativa, seleção de acontecimentos e reformulação linguística, permitindo compreender de que modo determinados elementos do texto-fonte são selecionados, condensados e reconfigurados para o público infantojuvenil. A comparação considera, assim, não somente aquilo que permanece ou é suprimido, mas principalmente como as escolhas realizadas por Carrasco modificam a organização e os efeitos da narrativa, aspecto que será desenvolvido na seção seguinte.

4 ESTRATÉGIAS DE REESCRITA EM *DOM QUIXOTE*, DE WALCYR CARRASCO

A análise da adaptação realizada por Walcyr Carrasco permite observar que a reescrita de *Dom Quixote* não se limita à substituição de formas linguísticas consideradas mais complexas por construções mais acessíveis. O processo envolve operações de redução, seleção e rearranjo que interferem na extensão dos episódios, no ritmo da narrativa, na distribuição das informações e na maneira como determinados aspectos da personagem são apresentados ao leitor. Na perspectiva de Hutcheon (2013), a adaptação pode ser compreendida como retomada e transformação de uma obra anterior, o que desloca a discussão de uma correspondência estrita com o texto-fonte para as escolhas realizadas na constituição da nova obra. Sob esse ponto de vista, as modificações promovidas por Carrasco integram um projeto de reescrita que conserva elementos reconhecíveis da narrativa cervantina, ao mesmo tempo que lhes atribui outra organização textual.

4.1 A RELAÇÃO COM OS LIVROS DE CAVALARIA E A CONSTRUÇÃO DO CAVALEIRO

Um dos primeiros procedimentos observáveis encontra-se na apresentação da relação de Dom Quixote com os livros de cavalaria. No primeiro capítulo do romance, a dedicação do fidalgo à leitura é construída por meio de uma sequência relativamente extensa. Cervantes descreve o envolvimento crescente da personagem com os livros, o abandono de suas ocupações habituais, as longas horas dedicadas à leitura, a redução do sono e o progressivo comprometimento de seu juízo. A imaginação do protagonista passa a

ser preenchida por encantamentos, batalhas, desafios, amores e aventuras provenientes do universo cavaleiresco. Somente depois desse percurso ele decide tornar-se cavaleiro andante e reproduzir na própria existência as ações encontradas em suas leituras (Cervantes, 2005). A transformação da personagem resulta, desse modo, de um processo desenvolvido em várias etapas, no qual a leitura interfere gradualmente em sua percepção do mundo.

Carrasco retoma esse núcleo narrativo de maneira mais concentrada. Ao caracterizar a relação do protagonista com os livros, informa que ele dedicava grande parte de seu tempo às narrativas sobre cavaleiros andantes e “chegou a vender parte da propriedade e das colheitas para comprar mais livros” (Carrasco, 2021, p. 24). A sequência reúne informações indispensáveis para compreender a crescente centralidade da leitura na vida da personagem, mas reduz as expansões presentes no texto cervantino. Essa síntese não corresponde apenas à diminuição do número de palavras: modifica também a hierarquia das informações, privilegiando acontecimentos que estabelecem mais rapidamente a relação entre leitura, afastamento das ocupações cotidianas e transformação do fidalgo.

Esse procedimento torna-se evidente quando o protagonista decide assumir a identidade de cavaleiro andante. Carrasco sintetiza o processo por meio da formulação: “Para ele, a fantasia tornou-se realidade” (Carrasco, 2021, p. 25). Em seguida, a narrativa apresenta sua decisão de converter-se em herói, sair pelo mundo em busca de aventuras, fazer justiça e conquistar fama e glória. Em poucas linhas, explicita-se uma relação que Cervantes desenvolve de maneira mais extensa: os modelos provenientes dos livros deixam de permanecer apenas no âmbito da leitura e passam a determinar o modo como a personagem concebe a própria existência.

Riley (1966) observa que Dom Quixote procura organizar a vida segundo modelos retirados da literatura cavaleiresca. O protagonista não permanece na condição de leitor das aventuras, mas procura transformá-las em princípio de ação, submetendo sua experiência às convenções encontradas nos livros. A literatura fornece, desse modo, padrões para interpretar e transformar o cotidiano. A expressão utilizada por Carrasco, “a fantasia tornou-se realidade” (Carrasco, 2021, p. 25), concentra em uma construção breve e direta um aspecto fundamental da personagem cervantina: a passagem dos modelos literários para a experiência vivida.

A própria organização sintática escolhida pelo adaptador reforça esse efeito, pois no trecho em que ocorre a decisão de tornar-se cavaleiro, predominam períodos curtos e unidades sintáticas breves, como “Um cavaleiro andante” e “Fazendo justiça, conquistando fama e glória!” (Carrasco, 2021, p. 25). Essas construções aceleram a progressão narrativa e colocam em primeiro plano imagens associadas ao imaginário cavaleiresco. Com menor número de etapas intermediárias, o texto adaptado explicita a relação entre a leitura das aventuras e o projeto que Dom Quixote passa a estabelecer para si.

A adaptação linguística não ocorre isoladamente da síntese narrativa. Ao reduzir determinadas expansões do texto-fonte, Carrasco modifica também a disposição das informações e aproxima acontecimentos que, em Cervantes, recebem desenvolvimento mais amplo. Forma-se uma cadeia narrativa mais concentrada: o protagonista lê intensamente, afasta-se de suas ocupações habituais, passa a tomar como verdadeiro o universo cavaleiresco e decide agir segundo seus modelos. A transformação incide simultaneamente sobre a linguagem e sobre a estrutura narrativa, em consonância com a compreensão de adaptação proposta por Hutcheon (2013), para quem retomada e transformação integram o mesmo processo.

4.2 A NOMEAÇÃO DE ROCINANTE E A TRANSFORMAÇÃO SIMBÓLICA DA REALIDADE

Outro exemplo encontra-se na escolha do nome de Rocinante, que em Cervantes recebe desenvolvimento relativamente extenso. Depois de examinar seu cavalo, Dom Quixote passa quatro dias procurando um nome que correspondesse à nova condição atribuída ao animal. O narrador descreve diferentes tentativas até que o protagonista chegue a “Rocinante”, nome que considera adequado à grandeza imaginada para sua montaria (Cervantes, 2005). A narrativa dedica, assim, espaço considerável ao processo intelectual por meio do qual um cavalo comum é incorporado simbolicamente ao universo da cavalaria.

Na adaptação, o acontecimento é preservado, porém apresentado de forma mais breve: “Depois de criar apelidos, juntar e riscar muitas ideias, decidiu-se por Rocinante. Nome, a seu ver, alto, sonoro e digno das aventuras que o equino viveria a seu lado” (Carrasco, 2021, p. 26). Permanecem componentes importantes da cena cervantina, como as sucessivas tentativas de nomeação, a escolha de Rocinante e a solenidade atribuída ao nome, enquanto parte das explicações que acompanham esse processo no texto-fonte é suprimida. O episódio conserva sua função narrativa, embora tenha seu desenvolvimento reduzido.

A nomeação adquire importância para além da simples atribuição de um nome ao animal. Ao escolher “Rocinante”, o protagonista procura integrar o cavalo ao mundo que passa a construir a partir das convenções dos livros de cavalaria. O mesmo mecanismo aparece quando modifica o próprio nome e transforma Aldonça Lourenço em Dulcineia del Toboso (Cervantes, 2005). Pessoas, objetos e espaços da realidade cotidiana recebem novas identidades em conformidade com o sistema cavaleiresco assumido pela personagem. A linguagem participa, assim, de uma transformação simbólica do mundo e da própria constituição identitária de Dom Quixote.

A cena também preserva uma dimensão cômica importante, pois a solenidade com que o protagonista procura um nome “alto, sonoro e digno” (Carrasco, 2021, p. 26) contrasta com a condição concreta do animal. No texto cervantino, esse descompasso entre a grandeza projetada pelo cavaleiro e a materialidade do mundo que o cerca constitui um dos mecanismos recorrentes da comicidade. Auerbach

(1971) relaciona esse efeito à coexistência entre a esfera imaginária na qual Dom Quixote organiza sua experiência e a realidade cotidiana que continua reconhecível para as demais personagens. O efeito humorístico nasce da presença simultânea dessas duas perspectivas: o protagonista interpreta o mundo segundo seus modelos literários, enquanto o leitor e as outras personagens dispõem de referências distintas para compreender as mesmas situações.

4.3 OS MOINHOS DE VENTO: IMAGINAÇÃO, REALIDADE E MULTIPLICIDADE DE PERSPECTIVAS

O episódio dos moinhos de vento constitui uma das manifestações mais conhecidas desse mecanismo. Em Cervantes, Sancho reconhece os objetos como moinhos, enquanto Dom Quixote os interpreta como gigantes e decide combatê-los. A advertência do escudeiro não modifica sua percepção. Mesmo diante da proximidade dos moinhos, o cavaleiro continua agindo segundo a interpretação construída a partir do imaginário cavaleiresco. Após a queda, a própria evidência material de que enfrentara um moinho não desfaz essa lógica, pois Dom Quixote atribui a transformação dos supostos gigantes à intervenção do sábio Frestão (Cervantes, 2005). Nesse episódio o personagem elabora novas explicações para os acontecimentos a fim de mantê-los compatíveis com o universo que tomou como referência.

Na versão de Carrasco, o episódio reúne, em uma única situação, diferentes componentes da caracterização do protagonista: a influência dos romances de cavalaria, a transfiguração imaginativa do cotidiano, o contraste entre a percepção de Dom Quixote e a de Sancho e a comicidade decorrente desse confronto. A escolha aponta que os acontecimentos não são mantidos de maneira indiferenciada. Diante da impossibilidade de reproduzir integralmente a extensão do romance, determinadas cenas passam a concentrar funções que, no texto-fonte, são desenvolvidas ao longo de uma estrutura narrativa muito mais ampla.

A discussão de Riley (1966) contribui para compreender a importância desse contraste. Para o crítico, *Dom Quixote* organiza-se por meio de múltiplas perspectivas, de modo que os acontecimentos podem ser observados a partir de diferentes pontos de vista. A percepção do protagonista não coincide necessariamente com a de Sancho, com a do narrador ou com aquela construída pelo leitor. No episódio dos moinhos, por exemplo, o mesmo objeto recebe interpretações distintas, e a tensão narrativa decorre da convivência entre elas.

Carrasco conserva esse confronto, embora dentro de uma estrutura mais sintética. A oposição entre gigantes e moinhos permanece como manifestação do descompasso entre o mundo construído pela imaginação do cavaleiro e aquele reconhecido por Sancho. Reduz-se, entretanto, parte da elaboração formal mediante a qual o romance amplia a multiplicidade de perspectivas, as intervenções narrativas e as

ambiguidades relacionadas à própria construção da ficção. O núcleo do conflito é mantido, mas passa a ser apresentado por procedimentos mais diretos.

A escolha desses episódios revela a importância da seleção como princípio da reescrita. A transformação do fidalgo em cavaleiro, a nomeação de Rocinante e a aventura dos moinhos de vento compõem um percurso no qual determinados acontecimentos assumem função representativa. Por meio deles, é possível acompanhar a relação do protagonista com os livros, a construção de sua identidade cavaleiresca e a aplicação dos códigos literários à interpretação do mundo. Em uma narrativa de menor extensão, aquilo que permanece adquire peso na caracterização da personagem e no desenvolvimento dos conflitos.

4.4 ENTRE PERMANÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO

A relação entre realidade e imaginação constitui um elemento de continuidade entre Cervantes e Carrasco. Essa permanência, contudo, não significa reprodução integral da complexidade formal do texto-fonte. Na adaptação, o contraste tende a concentrar-se em ações, diálogos e formulações diretamente vinculadas ao protagonista. No romance cervantino, a mesma problemática integra uma arquitetura narrativa mais ampla, marcada por diferentes níveis de ficção, intervenções do narrador e pluralidade de perspectivas. Como observa Riley (1966), a narrativa incorpora aparência exterior e imaginação a um mesmo espaço romanesco, colocando diferentes formas de apreensão da realidade em constante relação.

O humor também é afetado por esse rearranjo, pois em Cervantes, a comicidade associa-se, entre outros fatores, ao confronto entre a seriedade com que Dom Quixote assume os códigos cavaleirescos e o caráter cotidiano ou prosaico das situações às quais esses códigos são aplicados. Auerbach (1971) chama atenção para a ambivalência da personagem, na qual intenções elevadas convivem com ações incompatíveis com as circunstâncias concretas. Carrasco mantém parte desse mecanismo ao privilegiar situações em que o contraste pode ser apreendido de maneira imediata, como a solenidade da nomeação de Rocinante e o combate contra os moinhos. A diminuição da extensão narrativa não elimina a comicidade, mas faz com que ela se concentre em episódios capazes de evidenciar o descompasso entre o ideal cavaleiresco e o mundo cotidiano.

No plano linguístico, essa concentração manifesta-se no emprego de períodos mais breves, construções sintáticas diretas e relações mais explícitas entre os acontecimentos. Tais características modificam o ritmo do relato e diminuem a quantidade de informações intermediárias entre uma ação e outra. A acessibilidade da adaptação não pode, por isso, ser compreendida exclusivamente como substituição vocabular. Ela resulta também da extensão dos períodos, da disposição das informações, da redução de digressões e da aproximação entre acontecimentos ligados à trajetória principal da personagem.

A redução de determinadas passagens implica estabelecer quais informações ocuparão posição de maior destaque, fazendo com que a narrativa se concentre nas ações do protagonista, sobretudo naquelas relacionadas à formação de sua identidade cavaleiresca e ao confronto entre os modelos retirados da literatura e as circunstâncias concretas. Tal operação corresponde ao caráter seletivo do processo adaptativo discutido por Hutcheon (2013), que afirma que adaptar envolve estabelecer prioridades, promover deslocamentos e atribuir uma nova organização ao material narrativo.

A versão de Carrasco pode, nesse sentido, ser compreendida como uma elaboração do material cervantino voltada a condições distintas de circulação e leitura. A comparação não autoriza afirmar que a adaptação substitua a experiência proporcionada pelo romance de Cervantes, tampouco que sua leitura conduza necessariamente o público à versão integral. O que a análise permite sustentar é que o adaptador reduz extensões, redefine prioridades narrativas e emprega uma linguagem mais direta, mantendo personagens, conflitos e situações que possibilitam ao leitor reconhecer o universo de *Dom Quixote*. A mediação promovida pela adaptação situa-se na relação entre permanência e mudança. Assim, a obra cervantina permanece como referência, enquanto seus elementos são reorganizados na constituição de uma nova experiência textual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste estudo permitiu compreender de que modo as estratégias de reescrita empregadas por Walcyr Carrasco modificam elementos narrativos e linguísticos de *Dom Quixote* em uma adaptação destinada ao público infantojuvenil. A comparação entre o romance e a versão adaptada mostrou que esse processo ultrapassa a redução da extensão textual ou a substituição de formas linguísticas consideradas mais complexas, pois envolve escolhas relacionadas à seleção de acontecimentos, à organização das sequências narrativas, à disposição das informações e ao ritmo do relato. Sob essa perspectiva, a adaptação confirma-se como uma forma de retomada e transformação do texto anterior, conforme a concepção proposta por Hutcheon (2013), constituindo-se a partir de novas condições de produção, circulação e leitura.

Os episódios examinados permitiram observar que a adaptação de Carrasco preserva elementos fundamentais para o reconhecimento do universo cervantino, ao mesmo tempo que modifica a maneira como esses elementos são apresentados. A relação de *Dom Quixote* com os livros de cavalaria, sua transformação em cavaleiro andante, a construção simbólica de sua identidade e o conflito entre imaginação e realidade permanecem como componentes importantes da narrativa, mas passam a ser organizados em sequências mais concentradas e linguisticamente mais diretas. A diminuição de expansões narrativas, a aproximação entre acontecimentos e o emprego de construções sintáticas mais breves fazem com que

determinadas cenas assumam maior responsabilidade pela caracterização do protagonista e pelo desenvolvimento dos conflitos centrais.

A acessibilidade construída pela versão adaptada não pode, portanto, ser compreendida apenas como resultado de uma simplificação vocabular, uma vez que também decorre da reorganização da experiência narrativa. Ao estabelecer relações mais diretas entre ações e acontecimentos, reduzir determinadas digressões e concentrar a narrativa em episódios representativos, Carrasco produz outra forma de organização do material. Essa configuração conserva personagens, conflitos e situações reconhecíveis, mas altera a extensão, o ritmo e a distribuição das informações, o que permite compreender a adaptação como uma nova realização textual e não como uma reprodução abreviada do romance de Cervantes.

No que se refere à formação do leitor, os resultados permitem situar a adaptação como uma possibilidade de mediação entre obras pertencentes à tradição literária e leitores em processo de formação, sem que isso implique considerá-la substituta do texto-fonte. A discussão teórica desenvolvida ao longo do artigo mostrou que a circulação dos clássicos entre novos públicos pode ocorrer por diferentes formas de mediação, entre as quais se encontram as adaptações literárias. Nesse contexto, a versão de Carrasco oferece ao leitor uma forma específica de contato com personagens, conflitos e temas de *Dom Quixote*, ao mesmo tempo que preserva sua condição de obra distinta daquela produzida por Cervantes. Essa compreensão permite afastar uma avaliação baseada exclusivamente naquilo que foi retirado do texto anterior e direcionar a análise para as escolhas responsáveis pela constituição da nova narrativa.

Esses elementos, entretanto, não autorizam afirmar de que maneira a obra é efetivamente recebida pelos leitores, nem permitem concluir que sua leitura conduza necessariamente ao romance de Cervantes ou produza determinados efeitos sobre a formação literária de crianças e adolescentes. Como a pesquisa não incluiu investigação empírica sobre recepção ou práticas de leitura, suas conclusões permanecem circunscritas às características textuais e editoriais observadas na edição analisada.

A delimitação do estudo a episódios considerados representativos também estabelece os limites dos resultados apresentados, já que não se pretendeu realizar um levantamento exaustivo das diferenças entre o romance *Dom Quixote* e a adaptação de Carrasco. Outros aspectos da adaptação, bem como sua dimensão visual, sua utilização em práticas escolares e sua recepção por leitores infantojuvenis, constituem possibilidades para pesquisas posteriores que poderão ampliar a compreensão sobre a circulação de *Dom Quixote* em contextos contemporâneos.

A versão de Walcyr Carrasco estabelece, assim, uma relação com a obra de Cervantes marcada simultaneamente pela continuidade e pela transformação, na medida em que preserva referências fundamentais da narrativa cervantina enquanto reorganiza sua apresentação segundo outro projeto textual. Para além de avaliar a adaptação a partir de um critério estrito de fidelidade, a análise realizada permite

compreender as escolhas por meio das quais uma obra pertencente à tradição literária assume novas formas de circulação entre leitores de outro tempo e de outro contexto. O estudo das adaptações pode, nesse sentido, ampliar a compreensão dos processos pelos quais os clássicos permanecem presentes na cultura, sendo continuamente retomados, reinterpretados e reorganizados em novas experiências de leitura.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1971.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 16 jul. 2026.

CARRASCO, Walcyr. **Dom Quixote**. Tradução e adaptação de Walcyr Carrasco. Ilustrações de Weberson Santiago. São Paulo: Richmond Educação, 2021.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **O engenhoso fidalgo D. Quixote de la Mancha**. Tradução de Visconde de Castilho e Conde de Azevedo. [S. l.]: eBooksBrasil, 2005.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução de André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

RILEY, Edward C. **Teoría de la novela en Cervantes**. Madrid: Taurus Ediciones, 1966.